



## Há método em Marx? Breves considerações sobre os equívocos em torno de sua cientificidade

Is There Method in Marx? Brief Considerations on the Misconceptions Surrounding His Scientific Character

**Elizângela Samara da Silva\***

 <https://orcid.org/0009-0009-5474-5458>

**Ingridy Lammonikelly da Silva Lima\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-1240-0285>

**Francisco Alyson de Lima Silva\*\*\***

 <https://orcid.org/0009-0000-9218-529X>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir os equívocos mais recorrentes nas interpretações acerca da teoria social crítica da sociedade burguesa e do método científico marxista. Busca-se demonstrar que as distorções, frequentemente associadas a leituras positivistas ou fragmentárias, comprometem a apreensão da totalidade social e a compreensão do caráter histórico e contraditório da realidade. De modo breve, o texto destaca a relevância do método marxiano para a análise da sociedade capitalista e para a construção do conhecimento científico, comprometido com a transformação social. Ressalta-se, ainda, a importância da apropriação crítica do materialismo histórico-dialético no campo da Pós-Graduação em Serviço Social, dada sua potencialidade em oferecer mediações teóricas e metodológicas que possibilitem a apreensão da realidade em sua complexidade e processualidade.

---

\*Assistente Social. Mestra em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, Campina Grande, Brasil). Assistente Social junto a Secretaria Municipal de Assistência Social do Município de Campina Grande (SEMAS, Campina Grande, Brasil), cedida ao Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste (ICENO, Campina Grande, Brasil). E-mail: [samara.silva.075@ufrn.edu.br](mailto:samara.silva.075@ufrn.edu.br)

\*\*Assistente Social. Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ, Rio de Janeiro, Brasil). Docente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, Paraíba, Brasil). E-mail: [ingridylima17@gmail.com](mailto:ingridylima17@gmail.com)

\*\*\*Assistente Social. Mestre em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, Campina Grande, Brasil). Assistente Social junto a Secretaria Municipal de Assistência Social de Itaporanga (SEMASI, Itaporanga, Brasil) e Doutorando em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ, Rio de Janeiro, Brasil). E-mail: [alyson.lima.francisco@posgraduacao.uerj.br](mailto:alyson.lima.francisco@posgraduacao.uerj.br)

DOI 10.22422/temporalis.2026v26n51p217-230



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2026 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional ([https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

**PALAVRAS-CHAVE**

Método científico; Teoria Social; Marxismo.

**ABSTRACT**

This article aims to discuss the most recurrent misunderstandings surrounding the critical social theory of bourgeois society and the Marxist scientific method. It demonstrates how such distortions, often derived from positivist or fragmented readings, undermine the comprehension of social totality and the historical and contradictory nature of reality. Briefly, it emphasizes the relevance of the Marxian method for analyzing capitalist society and for constructing scientific knowledge committed to social transformation. Furthermore, it highlights the importance of critically engaging with the historical-dialectical materialism within Postgraduate studies in Social Work, given its potential to provide theoretical and methodological mediations for understanding reality in its complexity and processuality.

**KEYWORDS**

Scientific method; Social Theory; Marxism.

**Introdução**

A passagem da sociabilidade feudal à capitalista marca um momento em que a realidade social atinge a sua maturidade no tocante à percepção, por parte dos homens, enquanto um ser que é social. Tem-se a partir daí a compreensão de que as relações sociais se diferem das relações naturais, ou seja, explicita-se o fato de que a história humana é construída pelos homens. É neste cenário, conforme Tonet (2015), que se abrem os caminhos à elaboração de uma teoria social.

A revolução burguesa permitiu que a constituição do conhecimento científico enveredasse por caminhos até então não trilhados pelos homens, através de um questionamento sistemático e distinto das elaborações fundamentadas em compreensões metafísicas acerca da realidade humana. Assim, as explicações racionais passaram a orientar novos caminhos na produção do conhecimento científico, ampliando as possibilidades de apreensão da realidade objetiva, ainda que subordinadas aos interesses e à racionalidade próprios da sociedade burguesa em consolidação.

Tonet (2015) destaca que este marco histórico permitiu a maturidade, por vezes contraditória, de que a realidade social é eminentemente histórica e detentora de uma processualidade, sendo, portanto, passível de transformação. Por outro, a realidade se defronta com a característica de que a sociedade burguesa, em sua fase conservadora, instaura um padrão de conhecimento que obscurece as contradições geradas e, as quais permite a manipulação sobre a compreensão da realidade.

Importa salientar que a burguesia demonstrou a sua face revolucionária no desenrolar de críticas à sociedade feudal, quando buscou superá-la radicalmente. Contudo, ao instituir-se enquanto classe social privilegiada, em detrimento de outra — a classe trabalhadora —, assumiu o caráter conservador, e buscou estratégias para a sua reprodução como classe dominante. Isso ocorreu através da construção de uma teoria social de conteúdo burguês.

Na ordem inversa e embasando-se nos mesmos fundamentos histórico-sociais, a classe trabalhadora tornou-se legatária do caráter revolucionário abandonado pela burguesia, necessitando de uma teoria social crítica (e, portanto, revolucionária). Uma teoria social

opositora à ordem burguesa que se estabelecia, que contribuísse para desvelar a realidade social, de modo a caracterizar o cerne do capitalismo.

O filósofo Karl Marx foi um dos principais responsáveis pela construção da teoria social crítica, ao desvelar a realidade social (flagrada naquele momento histórico de consolidação do capitalismo). A teoria social elaborada por Marx, se subscreveu na crítica à economia política e passou a servir de subsídio à classe trabalhadora, orientando-a em relação à compreensão das possibilidades históricas de superação da sociabilidade capitalista, através de um processo revolucionário.

O presente artigo tem como objetivo evidenciar os equívocos mais recorrentes nas interpretações acadêmicas acerca da teoria social crítica da sociedade burguesa e do método científico marxista, destacando, ainda que de modo breve, a importância do método na apreensão da realidade social.

Destacamos como relevante a abordagem desta temática, por possibilitar a aproximação com o método histórico-crítico dialético e oferecer subsídios teórico-metodológicos para a apreensão crítica da realidade social, contribuindo para a formação na Pós-Graduação e para o trabalho profissional dos Assistentes Sociais.

### **O método marxista: em busca de aproximações**

A busca pela explicação da realidade, ao longo da história da humanidade, passou pelos mais variados estágios de compreensão, transitando desde visões no campo metafísico, até alcançar um padrão racional. O homem, enquanto ser genérico que pensa, formula e é formulado em sociedade é posto como central para a formação da sociedade, em uma relação simbiose, em que constitui o mundo e é constituído por ele.

A consolidação do padrão racional foi possível em decorrência do desenvolvimento das forças produtivas, intensificado pela Revolução Industrial e pelo declínio do sistema feudal, quando a sociedade passou a exercer maior domínio sobre a natureza, moldando-a segundo as necessidades de produção e reprodução social. O caráter do novo nesse contexto histórico consiste no fato de que,

ao contrário da passagem da comunidade primitiva ao escravismo e deste ao feudalismo, a transição do feudalismo ao capitalismo teve a participação de uma classe social – a burguesia – que conscientemente liderou o processo de crítica teórica e prática da sociedade feudal e a estruturação de uma nova forma de sociabilidade. Este conjunto de elementos imprime à realidade social um caráter radicalmente distinto daquele que marca a realidade natural. Tudo isto demarca a sociedade burguesa como uma obra puramente humana e estabelece a possibilidade de uma compreensão científica da realidade social (Tonet, 2015, p. 5).

Cabe destacar que é neste cenário histórico-social de profundas transformações que emergem as inquietações de Karl Marx. Inquietações que, em sua fase inicial, ainda se encontrava influenciado pelas bases progressistas da burguesia revolucionária, classe que, ao se opor ao feudalismo, defendia os ideais iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade.

Marx começa a trabalhar como jornalista na Gazeta Renana, a qual era financiada pela burguesia. A partir da experiência vivenciada na Gazeta, ele passou a compreender que a sua filosofia acadêmica não conseguiria resolver o seu conflito com a história e que a burguesia caminhava para sua decadência ideológica, tornando-se conservadora. Por esta razão, Marx passa a aprofundar seus conhecimentos, formando-se “para além da sua filosofia acadêmica”, com vistas a resolver questões políticas e teóricas.

Como fundamento para sua construção crítica à sociabilidade burguesa, Marx recebeu influências da filosofia alemã, da economia política inglesa e do socialismo francês. Assim, ele “não fez tábula rasa do conhecimento existente, mas partiu criticamente dele” (Netto, 2011, p. 18). É a partir deste acúmulo teórico e da necessidade de conhecer a sociedade capitalista, que a toma como objeto de estudo e passa a analisá-la em sua estrutura e dinâmica.

Marx dá início a sua trajetória teoria sob a influência de Hegel e da perspectiva idealista, mais tarde passa a vincular-se ao materialismo de Feuerbach, permitindo-lhe uma crítica ao primeiro. No entanto, é a partir da aproximação com Engels e com a economia política que Marx rompe com os pensamentos anteriormente citados e avança na construção crítica acerca da sociedade burguesa a partir de uma visão materialista dialética.

Toda a construção teórica de Marx, que resultou na teoria social crítica, foi fruto de um processo de cerca de quarenta anos de investigação, por meio do qual ele elaborou uma forma própria de compreender a sociedade, ancorada nas determinações históricas e materiais da vida social. Cabe destacar, conforme Netto (2011) que os 15 primeiros anos foram fundamentais para apreensão dos elementos centrais do método, chegando ao seguinte entendimento:

na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. Em certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social. A transformação que se produziu na base econômica transforma mais ou menos lenta ou rapidamente toda a colossal superestrutura (Marx, 2008, p. 47–48).

Foi a partir da visão materialista e dialética em relação à realidade histórico-social, que Marx prosseguiu na pesquisa sobre a sociabilidade burguesa. Partiu, de uma concepção materialista — porém não de maneira mecânica — pois não entendia que a análise da realidade se iniciaria no mundo das ideias, mas, sim, do real concreto, dos homens de

“carne e osso”, a partir de suas condições materiais de produção e reprodução da vida (Marx; Engels, 2009).

Quanto à concepção dialética, entendida a partir da perspectiva da totalidade, esta é para Marx, segundo Kosík (1976, p. 41–42), como “a dialética da lei e da casualidade dos fenômenos, da essência interna e dos aspectos fenomênicos da realidade, das partes e do todo, do produto e da produção [...]”. O referido autor destaca que “Marx se apossou desta concepção dialética, purgou-a das mistificações idealistas e, sob este novo aspecto, dela fez um dos conceitos centrais da dialética materialista”.

Torna-se relevante abrir um parêntese para mencionar que Marx é legatário da cultura desenvolvida a partir da razão moderna, cuja direção esteve vinculada a razão dialética, historicismo concreto e o humanismo<sup>1</sup>, os quais permitem desvelar a essência das coisas, superando, pois, a aparência (Coutinho, 2010).

Em Marx, a teoria social e o método são componentes indissociáveis. O método se apresenta como sendo uma relação que se estabelece no processo de construção do conhecimento entre o sujeito que pesquisa e o objeto que é pesquisado; enquanto a “teoria social é a expressão, do pensamento do sujeito, no movimento da realidade, donde a importância do papel da consciência no processo de conhecimento” (Guerra, 2014a, p. 93).

Marx partiu, ainda, de uma perspectiva ontológica<sup>2</sup> acerca do entendimento do real concreto. Cabendo salientar que não se trata de uma ontologia do ser natural, mas, sim, do **ser** constituído a partir do **social**, tendo como compreensão que a história dos homens tem características que se diferem da história da natureza, em que estes são os responsáveis pela construção de sua história (Marx; Engels, 2009). Dessa forma, Marx apreende o caráter histórico da realidade social, que é constituindo enquanto transitória e processual.

Diante do caráter dinâmico e contraditório da realidade social, impõe-se a necessidade de uma perspectiva teórico-crítica capaz de apreender as múltiplas determinações que a constituem, sobretudo aquelas que expressam o caráter explorador do modo de produção capitalista. Essa perspectiva reconhece que “a realidade é sempre mais rica, ampla e plena de mediações que a capacidade do sujeito de captá-las e reproduzi-las pelo pensamento” (Guerra, 2014a, p. 96).

Grosso modo, naquele contexto em que as teorias fundamentadas na compreensão da realidade idealistas ou materialistas (mecanicista) já não davam conta de explicar os fenômenos, Marx toma as ideias de Hegel como base, colocando-as “de cabeça para

---

<sup>1</sup> “O humanismo (a teoria de que o homem é produto da sua própria atividade), o historicismo concreto (a afirmação do caráter ontologicamente histórico da realidade, com a consequente defesa do progresso e do melhoramento da espécie humana) e a razão dialética (em seu duplo aspecto, isto é, de uma racionalidade objetiva imanente ao desenvolvimento da realidade [...] e aquele das categorias capazes de apreender subjetivamente essa racionalidade objetiva). Marx certamente é herdeiro, embora não sem uma crítica superadora, desta tradição” (Tonet, 2013, p. 66).

<sup>2</sup> “[...] a ontologia é o estudo do ser, isto é, a apreensão das determinações mais gerais e essenciais daquilo que existe” (Tonet, 2013, p. 12).

baixo” e insere o conteúdo materialista na compreensão do mundo. Isto permitiu ao autor construir a crítica à dialética hegeliana, conferindo concreticidade e materialidade à interpretação da realidade, a qual é reconstruída dialeticamente no plano do pensamento, ou seja, na forma de concreto pensado.

O princípio da contradição, presente nesta lógica, indica que para pensar a realidade é possível aceitar a contradição, caminhar por ela e apreender o que dela é essencial. Neste caminho lógico, movimentar o pensamento significa refletir sobre a realidade partindo do empírico (a realidade dada, o real aparente, o objeto assim como ele se apresentam à primeira vista) e, por meio de abstrações (elaborações do pensamento, reflexões, teoria), chegar ao concreto: compreensão mais elaborada do que há de essencial no objeto, objeto síntese de múltiplas determinações, concreto pensado. Assim, a diferença entre o empírico (real aparente) e o concreto (real pensado) são as abstrações (reflexões) do pensamento que tornam mais completa a realidade observada. Aqui, percebe-se que a lógica dialética do Método não descarta a lógica formal, mas lança mão dela como instrumento de construção e reflexão para a elaboração do pensamento pleno, concreto. Desta forma, a lógica formal é um momento da lógica dialética; o importante é usá-la sem esgotar *nela* e *por ela* a interpretação da realidade (Pires, 1997, p. 97).

Três categorias se apresentam como fundamentais para a elaboração teórico-metodológica do método criado por Marx, quais sejam, a totalidade, a contradição e a mediação. Para Marx (2009) todo objeto no âmbito da sociedade burguesa constitui uma totalidade concreta composta por outras totalidades que são menos complexas, as quais se articulam por meio de múltiplas mediações com a totalidade mais complexa. Nos termos de Kosík (1976, p. 41),

a posição de totalidade, que compreende a realidade nas suas íntimas leis e revela, sob a superfície e a casualidade dos fenômenos, as conexões internas, necessárias, coloca-se em antítese à posição do empirismo, que considera as manifestações fenomênicas e casuais, não chegando a atingir a compreensão dos processos evolutivos da realidade.

A totalidade concreta “não é um todo constituído por partes funcionalmente integradas”, mas, sim, conforme Kosík (1976, p. 44) a totalidade é apreendida enquanto “um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer [...] [que] pode vir a ser racionalmente compreendido”. Assim sendo, esta se encontra em constante movimento e em permanente processo de estruturação, não se confundindo com um “todo caótico”. Deste modo, constitui-se enquanto uma totalidade estruturada e perpassada pelo caráter contraditório da sociedade burguesa, portanto, uma totalidade dinâmica.

Sem as contradições, as totalidades seriam totalidades inertes, mortas – e o que a análise registra é precisamente a sua contínua transformação. A natureza dessas contradições, seus ritmos, as condições de seus limites, controles e soluções dependem da estrutura de cada totalidade – e, novamente, não há fórmulas/formas apriorísticas para determiná-las [...] (Netto, 2011, p. 57).

Por fim, a relação que se estabelece entre as totalidades de maior e menor complexidade ocorre através de mediações, pois as conexões não ocorrem de forma direta, tão pouco no imediato.

A verdadeira totalidade, a totalidade do materialismo dialético, [...] é uma unidade concreta de forças opostas em luta recíproca; isto significa que, sem causalidade, nenhuma totalidade viva é possível e que, ademais, cada totalidade é relativa; significa que, quer em face de um nível mais alto, quer em face de um nível mais baixo, ela resulta de totalidades subordinadas e, por seu turno, é função de uma totalidade e de uma ordem superiores; segue-se, pois, que esta função é igualmente relativa. Enfim, cada totalidade é relativa e mutável, mesmo historicamente: ela pode esgotar-se e destruir-se – seu caráter de totalidade subsiste apenas no marco de circunstâncias históricas determinadas e concretas (Lukács, 2007, p. 59).

As três categorias ora abordadas representam elementos centrais da análise marxiana da sociedade. Elas constituem subsídios fundamentais para a formulação de uma vertente crítica da teoria social, orientada pela compreensão das contradições do modo de produção capitalista.

Mediante a complexidade de sua construção teórica surgiram interpretações equivocadas tanto de autores de tradição marxista (sob influência positivista) como aqueles que se opunham à crítica da economia política. Estes equívocos contribuíram para uma tentativa de desconstruir e invalidar o método da teoria social crítica, julgando-o como ineficaz para compreender a realidade social.

Assim sendo, as visões equivocadas acerca do método em Marx tendem a negar a relação dialética entre essência e aparência. Como destaca o próprio autor, se a aparência coincidissem com a essência dos fenômenos, o conhecimento científico seria desnecessário (Marx, 2009b). Reconhecer essa distinção é fundamental para compreender o método marxiano em sua dimensão crítica e ontológica, voltada ao desvelamento das contradições sociais. Com base nisso, apresentamos, a seguir, alguns dos equívocos mais recorrentes nas interpretações sobre o método em Marx.

### **Os marxismos: entre acertos e equívocos**

Marx atento ao desenvolvimento da sociedade capitalista inquietou-se na busca por apreender a essência dos fenômenos sociais que se processavam na nova sociabilidade. Foi, sem dúvidas, o estudo de toda sua vida e, para além de análises acadêmicas, provocou a pensarmos a sociedade a partir da luta de classe.

Cabe destacar, que as análises e produções desenvolvidas por ele foram alvo de críticas já no início de suas pesquisas. Críticas que não se situavam apenas no âmbito acadêmico, mas que atuavam sobre o questionamento marxiano a ordem vigente a agitação para construção de uma nova ordem.

Ainda que o pensamento marxista tenha enfrentado duras críticas, visto ser dotado de uma perspectiva revolucionária, sua teoria social e o método científico vivenciaram períodos de significativo prestígio no campo da produção do conhecimento. Na contemporaneidade, com a Queda do Muro de Berlim e a conseqüente “derrota” das ideias socialistas e comunistas, o marxismo passa a “perder” o seu estatuto científico, sendo acusado de “não dar mais conta de analisar a sociedade atual” (Santos, 1995; Netto, 2004).

Com destaque aos equívocos cometidos tanto por autores que se intitulam marxistas como por aqueles que partiam de outras vertentes teóricas, destacamos os mais frequentes: atribuem ao seu método científico uma visão economicista e determinista dos processos sociais, além de acusá-lo de não ter dado a devida importância da dimensão da cultura, tentam fazer desse método um conjunto de normas aplicáveis, com regras preestabelecidas e, ainda, afirmam a existência de um jovem e um velho Marx, para dar sentido evolutivo as obras marxianas, em um processo de negação do amadurecimento histórico em que o pensamento do intelectual esteve envolvido.

É importante destacar que Marx não deixou um método, de modo que não há escritos específicos, nas obras marxianas, que abordam o método em Marx. A preocupação intelectual do autor permite a compreensão sobre o funcionamento da realidade e, a partir do real, possibilita à crítica à sociedade capitalista.

Contemporaneamente, o marxismo tem sofrido grandes inflexões capitaneadas pelo avanço da cientificidade burguesa. Difundiu-se as narrativas em torno da “crise do marxismo ou dos marxismos”. Alguns autores, mais audaciosos, decretam o fim da análise marxiana e marxista da teoria valor-trabalho, diante da afirmativa de uma nova sociedade, não mais moderna, mas sim Pós-Moderna, em que a contradição entre Trabalho e Capital está superada. Afirma-se, assim, os discursos de que o marxismo não dá mais conta de acompanhar a velocidade do desenvolvimento da sociedade capitalista, que as análises ancoradas no método estão ultrapassadas e incapazes de compreender a atual realidade.

Em entrevista concedida à revista Fórum, em 2013, o geógrafo marxista David Harvey falou da atualidade do marxismo e da propagação do capitalismo como um modo de produção vitorioso, na chegada dos anos de 1990, o que foi destituído, posteriormente, com a entrada do neoliberalismo. Para Harvey, o marxismo é retomado sempre que as problemáticas do capitalismo ficam mais expressivas, o que tensiona a perguntar: o que fazer?

A conjuntura política, social e econômica do capitalismo maduro tem contribuído para discussões que buscam sepultar o marxismo. O “fim do socialismo real” ocasionou uma desilusão em torno do debate marxista. Desse modo, diante da efervescência conservadora do capitalismo contemporâneo, observam-se movimentos que pregam “Mais Mises, menos Marx”, interpelando a leitura da sociedade e a instrumentalização da vida social em uma perspectiva neoliberal.

Alguns dos equívocos estão dispostos no **Economicismo**, no caráter da compreensão econômica do capitalismo analisada por Marx que tem como fundamento a concepção materialista e dialética, a produção e reprodução da vida real do ser social ocorrem em determinado contexto histórico. Esta compreensão foi interpretada equivocadamente, quando foi explicada pelos teóricos contemporâneos de Marx, a partir da argumentação de primazia do “fator econômico” sobre os demais setores da vida real dos homens.

Contudo, em Marx, o fator econômico é colocado em uma posição de totalidade que se encontra inter-relacionado com os demais setores da vida social (o social, o cultural), os quais também se apresentam enquanto outras totalidades, sendo elas relacionadas à

totalidade mais complexa que é a sociabilidade capitalista (Netto, 2011). Quanto a esse fato Engels destaca: “nem Marx nem eu jamais afirmamos mais que isto. Se alguém o tergiversa, fazendo do fator econômico o único determinante, converte esta tese numa frase vazia, abstrata, absurda” (Marx; Engels, 2010, p. 103–104).

Aos estudiosos que se dedicam a entender a obra de Marx, fica claro o entendimento de que o fator econômico não condiciona os demais setores, tampouco se coloca enquanto único determinante da realidade. Esta compreensão é completamente inaplicável aos estudos de Marx, visto que “é o ponto de vista da totalidade e não a predominância das causas econômicas na explicação da história que distingue de forma decisiva o marxismo da ciência burguesa” (Lukács, 1974, p. 14).

A compreensão do método em Marx como um manual a ser seguido também é um equívoco recorrente nas interpretações das obras marxianas. Comumente, o método científico desenvolvido por Marx é compreendido como um conjunto de procedimentos selecionados *a priori* e imediatamente aplicáveis às pesquisas acerca da sociedade e, assim, a solução dos problemas sociais estaria sob a responsabilidade desta aplicação “manualesca do método”. Trata-se de uma visão equivocada e rompe com a ideia do filósofo de que sujeito e objeto são mediações fundamentais no processo do conhecimento. Esta apreensão manualesca isenta o pesquisador da necessidade de empreender uma minuciosa investigação e da densa reflexão sobre o objeto a que se dedica e o reconhecimento de que o momento do real é dinâmico, contraditório e em permanente mudança.

A construção do conhecimento vivenciou, em determinados momentos da história, o dilema de prevalência da objetividade sobre/sob a subjetividade. Marx põe fim a este dilema estabelecendo a devida importância tanto à dimensão da objetividade, quanto da subjetividade no momento da investigação científica (Tonet, 2013). Fundamentando-se nas ideias de Marx, Guerra (2014a, p. 94) assevera que a

Relação entre sujeito e objeto nos permite pesquisar a realidade considerada na sua objetividade, disposta a ser conhecida por um sujeito que a aborda a partir de determinada angulação. Sem a consideração deste processo, o conhecimento se torna um fim em si mesmo.

As interpretações equivocadas deram-se, conforme Netto (2011), sob influência positivista e neopositivistas, na Segunda Internacional (1889–1914) e, sobretudo, na Terceira Internacional (1919–1943). Nesse mesmo sentido, Guerra (2014b, p. 61) destaca que o método é uma **direção analítica** e não, ao contrário do que é defendido a partir desta ideia manualesca, como “um conjunto de procedimentos ou como meio de aplicação imediata do conhecimento”.

A **Dimensão Cultural** também é um elemento de questionamento: acusam Marx de não ter destinado a devida importância aos aspectos culturais da sociedade. É uma equivocada interpretação, pois à compreensão da totalidade, importa levar em consideração, as particularidades e singularidades no âmbito cultural da sociedade capitalista. Netto (2011, p. 15) destaca que Marx expressava “permanentes preocupações com as especificidades de esferas ideais como a arte”.

De certo, a obra marxiana não trouxe reflexões diretas para questões como racismo, capacitismo, machismo, bem como outras temáticas abertamente discutidas na contemporaneidade. No entanto, é a partir da teoria social crítica, que se produz conhecimento na defesa da diversidade humana, conhecimento que constitui a diversidade sem perder a perspectiva de classe.

Diversos são os/as intelectuais que partem do Marx para estudar questões que envolvem os aspectos socioculturais da diversidade humana. Podemos citar: Helena Safiotti, Angela Davis, Lélia González, Clóvis Moura, dentre tantos outros.

É preciso reconhecer que, historicamente, o marxismo não é isento dos mais diversos debates, posto nos desdobramentos do desenvolvimento capitalista, sobretudo no acirramento das expressões da Questão Social. Evidentemente, cumpre a função política de aproximação com o movimento do real, sem desconsiderar as categoria da crítica à economia política, de modo a repudiar a perspectiva imediatista, fragmentada e presenteísta posta nas inalações do pensamento pós-moderno, que realiza apreensões por meio do identitarismo.

O identitarismo, contraditoriamente, chega por dentro dos movimentos sociais, alguns ligados ao campo da esquerda, e se propaga sobre o discurso da necessidade de reconhecimento das identidades, do empoderamento e do empreendedorismo, para dar “voz” e “vez” aos sujeitos esquecidos. Um discurso que, na verdade, valida e reforça os preceitos neoliberais e desafia a tradição marxista na construção de uma cientificidade em defesa do proletariado (Barros, 2024).

A perspectiva **Evolucionismo/Determinismo** também é atribuída a Marx, a qual “dirigiria necessária e compulsoriamente a história para um fim de antemão previsto (o socialismo)” (Netto, 2011, p. 15). Contudo, cabe enfatizar que a mudança de um determinado modo de produzir e reproduzir da sociedade não se altera de forma linear, como bem enfatiza Marx, fazem-se necessárias condições sócio-históricas oportunas, o desenvolvimento pleno das forças produtivas, bem como certo nível de consciência dos sujeitos sociais para que, por meio da revolução, conduza a sociedade a um novo tipo de sociabilidade.

Não por acaso os/as herdeiros/as dos escritos marxianos, vinculados/as a tradição marxista, estudam as atuais configurações do capitalismo que, ao longo da história, se modifica constantemente na forma em que se apresenta à sociedade. Ao contrário de um evolucionismo e/ou determinismo, a obra de Marx parte de uma história que é dialética e que, por isso, compreende o desenvolvimento da sociabilidade humana como algo em constância e sobre responsabilidade dos homens, enquanto ser genérico.

Por fim, em meio as sucintas questões que envolvem os questionamentos do método em Marx, encontramos as justificativas em torno do **Jovem e Velho Marx**. O método de Marx propõe um processo de aproximações sucessivas, em que a compreensão acerca do objeto pode ser amadurecida, permitindo-lhe uma apreensão cada vez mais apurada da realidade dos fenômenos sociais. Foi desse modo que Marx procedeu durante a sua análise acerca da sociabilidade capitalista. No entanto, alguns lhe conferem uma **cisão** ao longo de sua

construção teórica, embasados na afirmação de que existiria um “Jovem Marx” e um “Velho Marx”.

O que há, na verdade, ao longo de sua trajetória teórica são **inflexões** com o aprofundamento de determinadas concepções em relação à realidade social capitalista, sobretudo, a partir de um entendimento mais aproximado das determinações que compõem a realidade. Para tanto, Marx aponta que o processo de investigação do objeto se dá em um movimento em espiral, onde o pesquisador parte do real concreto e retorna para ele, saindo do campo da aparência e adentrando na sua essência, a partir de condições sócio-históricas que lhe permitiram flagrar àquelas determinações.

Desse modo, o que existe não é uma cisão, tampouco, um processo evolutivo do pensamento de Marx, mais sim um conjunto de determinantes de ordem objetiva e subjetiva, que lhe permitiram construir uma teoria social e um método científico tão dinâmico e processual quanto o movimento da realidade (Marx, 2009a).

Ainda na atualidade, persiste a reprodução dos equívocos acima abordados, os quais representam apenas os mais recorrentes, mas não os únicos. Há pesquisadores que, sem o devido conhecimento da teoria social marxista e de seus fundamentos ontológicos, afirmam a superação dessa perspectiva, baseando-se na naturalização do capitalismo, na defesa do fim das ideias socialistas e comunistas e na crença de que a sociedade teria ingressado na chamada pós-modernidade. Tais concepções se contrapõem à perspectiva ontológica da realidade social.

### **Considerações finais**

Diante dos equívocos analisados, reafirma-se que o método em Marx não constitui um manual nem uma técnica de pesquisa, mas uma direção ontológica e crítica voltada à apreensão da totalidade social e de suas contradições.

O método científico da teoria social marxista é submetido a análises a partir dos mais diversos olhares e compreensões, o que os torna passíveis a interpretações com conteúdos equivocados e, até mesmo, determinadas discordâncias que, apesar de serem parte fundamental no processo do conhecimento, são contestáveis quando a obra marxiana e a tradição marxista são compreendidas como aproximações intermináveis a realidade social. O feito histórico do materialismo histórico-dialético está em desvelar a constituição da sociedade capitalista, considerando a história e a contradição postas na totalidade social.

No momento histórico em que se dá consolidação do sistema capitalista, tem-se a naturalização das relações sociais, a qual pretende negar a ontologia do ser social tanto no processo da vida real dos homens, quanto no âmbito da construção do conhecimento científico. Esta negação vai de encontro ao pressuposto revolucionário que consta na teoria social marxista, pois ela advoga as possibilidades históricas de superação do capitalismo e de seus antagonismos.

Desse modo, as críticas destinadas ao marxismo estão diretamente vinculadas às necessidades de reprodução do capitalismo como o único modo de produção viável e

possível ao ser genérico. A cientificidade burguesa cria mecanismos de manutenção do sistema vigente, corroborando percepções falseadas da realidade e propagando narrativas que inviabilizam historicamente a superação do modo de produzir e reproduzir a vida social capitalista.

Na contemporaneidade o método científico e a teoria social marxista tem vivenciado um processo de negação de sua cientificidade no meio acadêmico, visto ser acusado de “não dar conta” de analisar os processos sociais em um momento histórico que se encontra complexificado, donde são privilegiados os métodos que permanecem no campo da imediatividade e do empirismo, e que encontram soluções reformistas dentro deste modelo de sociabilidade, com vistas a aprimorá-lo, já que, a sua superação está fora de questão; além do que, trabalhar com o método científico marxista pressupõe um processo árduo e contínuo de pesquisa em relação a um objeto que se pretende analisar.

Haja vista o sistema vigente ser o capitalista burguês, todo e qualquer objeto se encontra inserido neste, estando, portanto, saturado de determinações pelo modo como se produz e reproduz a vida social. Nesse sentido, estudar os fenômenos desta sociedade chama a necessidade da abordagem daquelas categorias presentes na realidade concreta, conforme propõe o método científico marxista, o qual privilegia a noção de práxis. Assim, desvelar a aparência e alcançar a essência (mesmo que sempre de maneira aproximativa) implica, também, em uma transformação de determinada realidade, em contrapartida, os métodos científicos que predominam atualmente permanecem no campo do empirismo e, por isso, apesar da tentativa de se aproximar da realidade social, restringem-se ao âmbito da aparência.

O Serviço Social brasileiro, a partir do processo de Renovação da profissão, adotou as ideias de Marx como subsidiário a análise da realidade social, ainda que, após um longo período tenha sido perpassado por uma “aproximação enviesada” e por inúmeras incompreensões que, em certa medida, permanecem até a atualidade, a parcela progressista da profissão empreenda o esforço de manter-se vinculada a esta perspectiva crítica. Essas mudanças no percurso histórico da profissão possibilitaram o desenvolvimento e consolidação da Pós-Graduação em Serviço Social.

A partir de então as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Pós-Graduação em Serviço Social tem como parâmetro de apreensão dos fenômenos da realidade atual o método científico marxista, mesmo convivendo com outros métodos científicos de cariz empirista. O “suposto” avanço histórico da sociedade à chamada “pós-modernidade” demonstrou uma tendência a se elevar a incorporação destes outros métodos científicos como fundamento para a construção do conhecimento na profissão.

Portanto, deriva daí o risco de se incorrer em apreensões mecânicas e imediatistas da realidade social, visto que o método científico marxista é o único que se propõe a superação da aparência, apreensão da essência e transformação daquela realidade que passa a ser conhecida em suas determinações e mediações. Dar-se, assim, a necessidade de uma maior compreensão em relação à teoria social e ao método marxista por parte tanto daqueles que se dedicam a construção do conhecimento na academia, quanto ao corpo profissional que atua cotidianamente nesta realidade, buscando reafirmá-lo

enquanto instrumento válido para apreender e intervir, mesmo que dentro dos limites de uma atuação profissional, em determinadas áreas da sociabilidade capitalista.

## Referências

BARROS, Douglas. Entrevista para o Boletim Lua Nova – Cedec – o que é o identitarismo? Debate sobre a questão identitária. **Boletim Lua Nova – Cedec**, 14 nov. 2024. Disponível em: [https://boletimluanova.org/?print-my-blog=1&post-type=post&statuses%5B0%5D=publish&rendering\\_wait=0&columns=1&font\\_size=normal&image\\_size=small&links=include&show\\_site\\_title=1&show\\_site\\_url=1&show\\_title=1&show\\_date=1&show\\_featured\\_image=1&show\\_content=1&pmb\\_f=pdf&pmb-post=5028](https://boletimluanova.org/?print-my-blog=1&post-type=post&statuses%5B0%5D=publish&rendering_wait=0&columns=1&font_size=normal&image_size=small&links=include&show_site_title=1&show_site_url=1&show_title=1&show_date=1&show_featured_image=1&show_content=1&pmb_f=pdf&pmb-post=5028). Acesso em: 03 jan. 2025.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GUERRA, Yolanda. O conhecimento crítico na reconstrução das demandas profissionais contemporâneas. In: BAPTISTA, M. V.; BATTINI, O. **A prática profissional do Assistente Social: teoria, ação, construção do conhecimento**. 1. 2. ed. São Paulo: Veras, 2014a. v. 1.

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2014b.

KOSÍK, Karel. Dialética da totalidade concreta. In: **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 11–64.

LUKÁCS, George. **História e consciência de classe**. Porto: Escorpião, 1974.

LUKÁCS, György. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da Economia Política**. Tradução: Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia: resposta à Filosofia da miséria**, do Sr. Proudhon. Tradução: José Paulo Netto. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009a.

MARX, Karl. **Para a questão judaica**. Tradução de José Barata Moura. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009b.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Álvaro Pina. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e ciência social: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

NETTO, José Paulo. De como não ler Marx ou o Marx de Sousa Santos. In: **Marxismo impenitente: contribuição à história das ideias marxistas**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 223–241.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PIRES, Marília F. C. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, p. 83–94, ago. 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jicse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wfrR4dmSD/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2026.

SANTOS, Boaventura de S. Tudo o que é sólido se desfaz no ar: o marxismo também? In: SANTOS, Boaventura de S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 23–49.

TONET, Ivo. **Método científico: uma abordagem ontológica**. 1. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 3013.

TONET, Ivo. **Teoria Social Crítica: do que se trata?** Disponível em: [https://ivotonet.xp3.biz/arquivos/Teoria\\_social\\_critica.pdf](https://ivotonet.xp3.biz/arquivos/Teoria_social_critica.pdf). Acesso em: 17 jan. 2015.

*Submetido em: 21/10/2025*

*Aceito em: 9/1/2026*